

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 99

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	5\$000



LISBOA

Empresa do jornal "O SECULO.,

43—RUA FORMOSA—43

GRAMOPHONES



PARA O POVO
OU O

Gramophone Popular

Esta machina, um magnifico aparelho com todas as propriedades das melhores machinas, é perfeitissimo, reproduz os sons com todo o seu vigor e pujança, com a maior clareza e nitidez.

Preço **12\$000** reis



TRIPLEOPHONE

A ultima palavra em machinas falantes

Companhia Franceza do GRAMOPHONE

Aonde todos os pedidos devem ser dirigidos

Largo da Rua do Principe, 8, 1.º

David Fonseca & Fonseca
Successor de A. C. ENCARNACÃO & C.
Estabelecimento de balanças, pesos e medidas.
Fogões, molhos, torradores e muitos outros objectos. Cotas à prova de fogo, pressas de sapar e accesorios.
25, 27, Rua da Victoria, 29, 31
Officina de serrallheria para construcções e reparações. Grande surtimento de peças de ferro esmaltado, machinas para lavar, escher, rether e capular garrafas, dilas para plear escher e outras chicanas, e peças para extrair o suco de uvas e vegetaes. Funções e mais artigos para abrigos
74, Rua dos Correeiros, 76—Lisboa

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO
SOCIÉDADÉ ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
Proprietaria das fabricas do Prado, Marilândia e Sobrelinho (Thomaz), Penedo e Casal d'Hermio (Lour), Valle Maior (Albergaria a Velha).
Instaladas para uma produçáo annual de cinco milháo de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.
Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressáo e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórrina
LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51
Escritorios e depositos
Entrepôts telegraphiques Lisboa, Companhia Prado—Porto—Lisboa: Numero telephonico 208

"ROYAL WINDSOR"
O melhor regenerador dos cabelos
Em todas as cédogarias e casas de perfumarias
VENDAS POR GROSSO:
A. Vincent — 19, Largo da Camoësa, 1.º—Lisboa
Empresa DE Trens
Objectos funerarios
PIRES BRANCO & MARTHA
Largo da Abegoeira, 43 a 49—Lisboa
Telephone n.º 1-060

CORTICITE (agglomerados de cortiça)
FABRICAÇÃO ESPECIAL
CHAO SEM FENDAS
HYGIENICO, IMPERMEAVEL E ECONOMICO
CHAPAS E TIJOLOS MATERIAL DE ISOLAMENTO
CONTRA O CALOR, O FRIO E O SOM
FORRO DE TUBOS E CALDEIRAS DE VAPOR
Reduzindo a condensação. Economizando combustivel
O. HEROLD & C. 1A RUA DA PRATA, 14, 1.º

ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SEGURO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, , sincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 1905

NUMERO 99



Quadro allegorico ao consorcio da rainha D. Estefhania com el-rei D. Pedro V, existente no Paço de Caxias e que representa aquella soberana lendo a sua carta de casamento

CHRONICA

Os novatos.

Coimbra prepara-se para receber os novatos com uma fidalga gentileza que, aniquilando uma praxe, ergue um pendão: o da fraternidade académica. Até aqui o novato era o inimigo, o intruso, o que chegava de fóra com as suas illusões e com as suas bagagens, com as suas cartas de recomendação e com os seus receios.

Ir estudar para Coimbra equivalia a ir ao sertão. Era necessário dispor o espirito para aceitar a troca e o corpo para receber algumas moccas, no caso do espirito não se dispor para os epigramas. Enquanto a civilização avançava e se falava em paz, o estudante de Coimbra agarrava-se à tradição. O canelão era como um dogma; levá-lo era como uma sagração que custava algumas nedeas negras. Tornava-se tão difficil acabar com o barbarismo que mesmo os filhos das mais illustres familias tinham que o soffrer. O muito que os paes podiam fazer era enviar-lhes, com a mesada, algumas garrafas d'alcool camphorado.

Agora tudo isso vai acabar e não deixa pena. Todas as velhas cousas definidoras do estudante de Coimbra vão a desaparecer porque já não estão no espirito da epocha essencialmente civilisada. As guedelhas merovingias dos futuros ba-



AS PORTAS DE CARRICHE—Guardas passando a revista

ma de espiritos novos. O homem hoje sente-se o irmão d'outro homem; não é a piedade que move

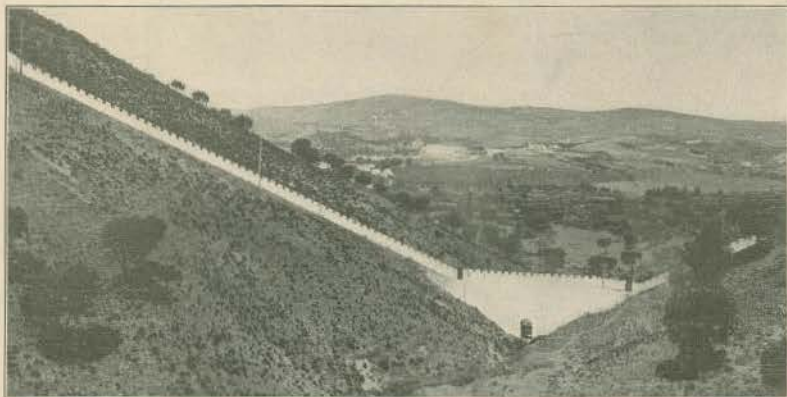
os corações, é a consciencia de que não é necessario guerrear.

As nações caminham para as arbitragens; os forasteiros atravez dos paizes comecam a encontrar hospitalidade. Já não ha ninguém no mundo civilisado que por uma distincção de raça, de cor ou de nação, se arme para ferir só pelo prazer de o fazer. A fraternidade humana, que era uma simples phrase quando se gritou por todo o mundo após a revolução franceza, amadureceu e vai tornar-se um facto. Eis a razão por que nos cerebros d'esses rapazes, que iniciaram o movimento a favor dos novatos, appareceu instinctivamente essa idéa de os acolherem com abraços, em festa, de coração nas mãos, com sanctações nos labios.

A uma antipathica formula oppõe-se uma grandiosa iniciativa. O novato, assim recebido, melhor receberá os outros no proximo anno e, assim, de epocha em epocha e pela vida fóra, estarão de mãos dadas.

N'aquella terra de canções e de vida haverá, apesar de tudo, sempre alegria; a monotonia não chegará jámais porque se derroga uma usança. Sempre por lá haverá quem cante e quem ria, quem aproveite a poesia das noites e o murmúrio dos salgueiros para fazer trovas e para se divertir sem atacar os outros, pela razão poderosa de que sob as capas sempre palpitam corações cheios de modade!

ROCHA MARTINS.



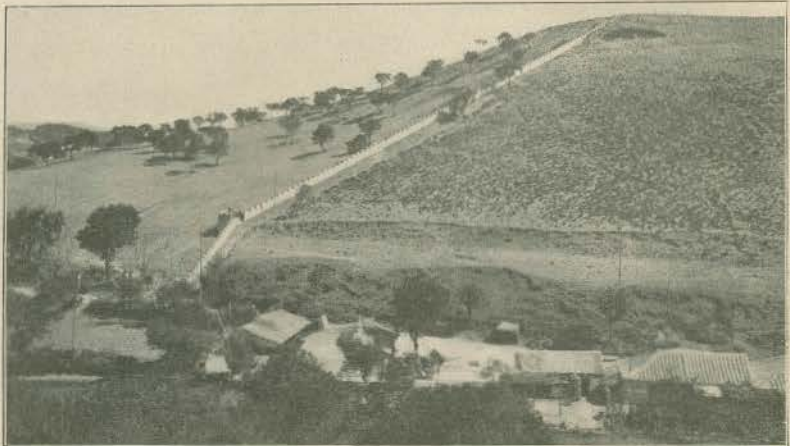
AS PORTAS DE CARRICHE—O baixo da muralha de 'Val de Fornos'

chareis foram substituidas por penteados correctos, as capas rôtas, ensebadas, de que se fazia alarde, são hoje objectos de repulsa; as patiscadas nocturnas, que acabavam quasi sempre pelas batalhas com os futricas, periclitaram desde que appareceu o gaz e a policia. Tudo isto era o romantismo que fazia de cada estudante um arruaceiro, que o levava a rachar cabeças como a tocar guitarra, que o fazia bohemio como o obrigava a julgar-se poeta. Coimbra teve má fama durante um tempo. A par dos grandes movimentos collectivos de protesto contra os males do paiz, havia outras cousas que faziam duvidar das boas intenções.

O estudante entrava na Universidade pela porta da arruaca, folheava a sebenta e aprendia a jogar o pau. Quem, saindo d'uma cidade burgueza onde se dormia sosegado, chegasse a Coimbra, teria a impressão que entrara n'um burgo medieval em eterna conflagração. Com o andar do tempo modificaram-se esses habitos, tornava-se necessario modificar tambem a praxe inicial: a troca ao novato!

Essa transformação em cousa alguma prejudica a vida academica; antes lhe dá relevo, antes a dignifica. E' mais proprio de gente moça receber outros moços de braços abertos para um amplexo amigo, do que de braços levantados para os esmagar.

Essa reforma de costumes academicos, que um grupo de rapazes levou a effeito, é bem uma refor-



AS PORTAS DE CARRICHE—Desfiladeiro de Carriche



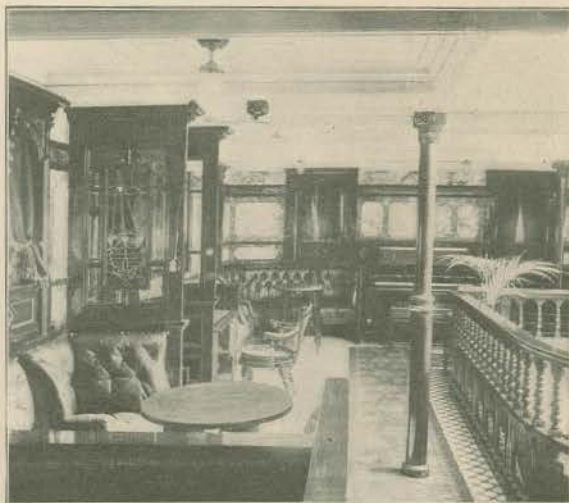
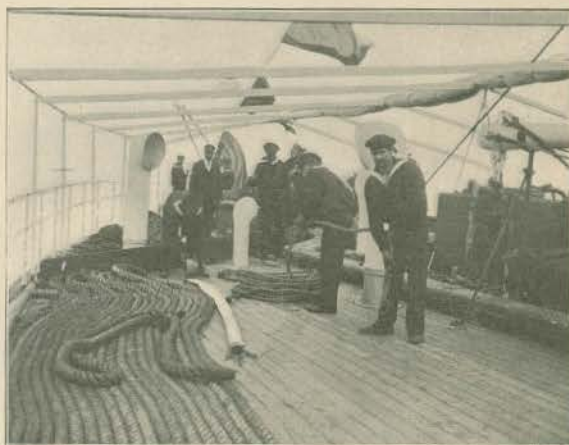
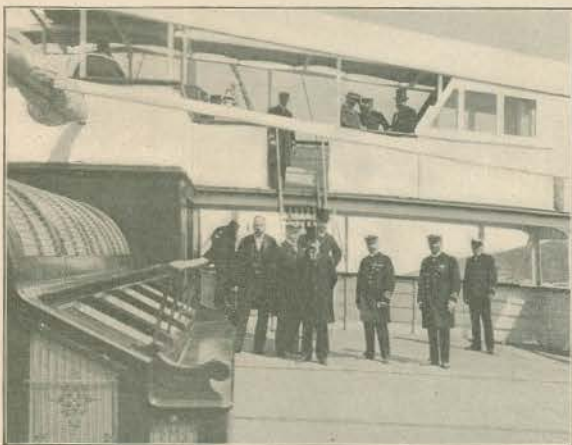
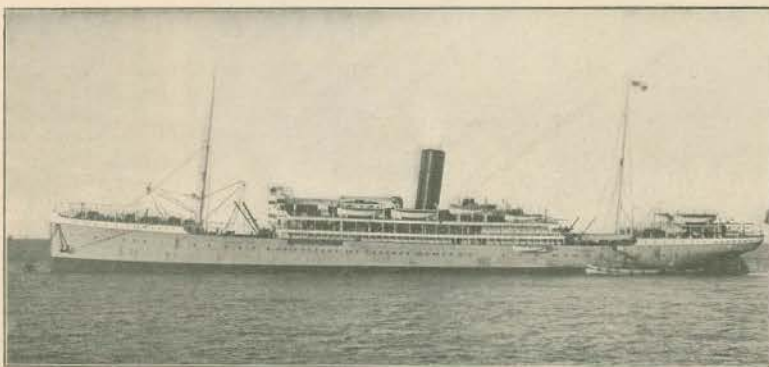
OS OFFICIAES DO 1.º BATALHÃO DA GUARDA FISCAL COM O CORONEL COMMANDANTE DA GUARDA SR. MARINHO E BARROS

Primeiro plano: Srs. capitão de cavallaria Aboim d'Ascensão, capitão de infantaria Lúcio dos Santos, tenente-coronel de cavallaria 2.º commandante Arnaut Peires, coronel de infantaria 1.º commandante Marinho e Barros, capitão de infantaria Silva Granato, capitão d'infantaria Baptista, capitão d'infantaria Cockado Martins.

Segundo plano: Srs. tenente de infantaria Moreira da Silva, tenente de infantaria Jordão Guerra, tenente de cavallaria Oliveira Miranda, tenente de infantaria Mendes do Passos, capitão de infantaria Almeida Leitão, capitão médico Almeida Dias, tenente de administração militar Simões da Costa e capitão de infantaria Alfaro Cardoso.

Terceiro plano: Srs. tenente de infantaria Costa Monteiro, tenente médico Coxito Granato, capitão ajudante Mardel Ferreira, capitão de infantaria Cruz e Sousa, alferes de infantaria Vieira da Cruz, tenente de infantaria Almeida Junior e tenente de infantaria Baptista Lopes.

Quarto plano: Srs. tenente d'infantaria Vellez Carro, tenente d'infantaria Figueiredo Santos, tenente d'infantaria Lopes de Azevedo, tenente d'infantaria Teixeira de Sant'Anna, tenente d'infantaria Boaventura Ferras, tenente de cavallaria Alvaro Poppe, tenente d'infantaria Cunha Bellem e tenente d'infantaria Borges da Silva.



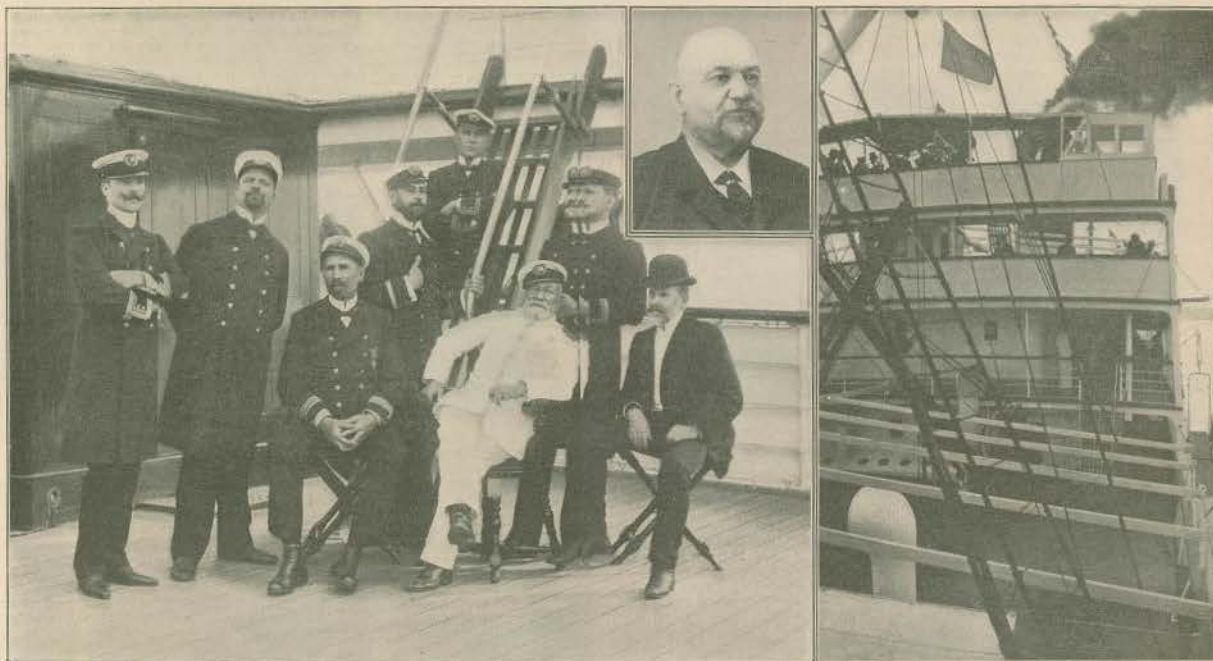
O NOVO PAQUETE -AFRICA- DA EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

O paquete -Africa-—O sr. ministro da marinha na sua visita.—O sr. ministro da marinha com os seus ajudantes e secretário e o sr. Gomes Netto Junior, director da Empresa e um dos officiaes do paquete.—Uma manobra.—Sala de jantar.—Sala de fumo

O S. M. el-rei visitou a *Africa* no dia 19, sendo recebido ao portal pelos srs. Gomes da Silva e Gomes Netto, directores da Empresa Nacional. O bello barco fundou em Cascaes pelas 11 horas da manhã entrando S. M. a bordo pela 1 hora, começando logo a visita enquanto o paquete se punha em andamento até ao cabo da Roca dando a volta pelo cabo Espichel, sendo offerecido um magnifico lunch a S. M. e aos illustres visitantes que

acompanharam el-rei e o sr. senhor infante D. Affonso e que eram muitos dos membros da colonia elegante que veraneia em Cascaes. No dia 20 o *Africa* atracou ao Caes da Fundição e recebeu no seu bordo o sr. ministro da marinha e grande numero de convidados entre os quaes se encontravam quasi todos os funcionarios superiores da marinha, seguindo o paquete até a barra e servindo-se um lunch tendo-se levantado muitos brindes quan-

do se bebeu o *Champagne*, destacando-se o do sr. Gomes da Silva ao qual respondeu o sr. ministro da marinha, tendo falado tambem os srs. Alves Diniz e Ferreira do Amaral. O sr. capitão de mar e guerra Augusto Osorio tocou diversos trechos nauticaes ao piano o que a assistencia applaudiu. Os convidados saíram de bordo pelas 4 horas e no dia 21 esteve o *Africa* patente á imprensa, que a direcção da Empresa gentilmente convidou.



O novo paquete «Africa» da E. Empresa Nacional de Navegação

Os officiaes do «Africa» com o sr. commandante em chefe da Empresa e sr. commissario chefe—1.º plano, sentados: Sr. Augusto Dias Cury, commandante da nave, Antonio Thomaz d'Oliveira Fialho, commandante em chefe da Empresa; Rogerio Montez, chefe dos commissarios—2.º plano: Sr. Antonio Guerra, medico; Guilherme Vidal Junior, immediato; Augusto Gual Santos, 2.º piloto; Raul Cerveira, 3.º piloto; Arsenio Garcia, commissario—Sr. Guilherme Arnaut, que fez o risco do paquete—As pontes de commando do paquete.



Os officiaes inferiores das companhias da guarda fiscal aquarteladas em Lisboa

A GUARDA FISCAL

A guarda fiscal foi organizada militarmente por decreto de 17 de setembro de 1885, sendo constituída por 4 batalhões de infantaria de commando de major, que estavam subordinados à 4.ª repartição da administração geral das alfândegas, da qual era chefe um official su-

fiscal que tinha a seu cargo a fiscalização do real d'agua e que foi extinto por decreto de 21 de abril de 1892, por ter sido julgada conveniente a centralização dos serviços aduaneiros n'uma só direcção geral, pensamento que então o legislador justificou dizendo ser indistinctível que a fiscalização de todos os impostos indirectos estando a cargo de um só corpo, sobretudo sendo este militarizado e convenientemente disciplinado e instruído e sob a acção de um commando unico, é exercida muito mais profectivamente do que estando repartida por diversos corpos, dos quaes alguns privados de caracter

tinha por chefe um official superior, todos os serviços da guarda fiscal que estavam a cargo da extincta 2.ª repartição da direcção geral das alfândegas. O lugar do chefe da repartição podia ser accumulado com o commando da guarda fiscal, ficando, contudo, quando o não fosse, a ser de exclusiva competencia do commandante os assumptos relativos á disciplina da mesma guarda.

Mais tarde e em 27 de setembro de 1894 teve lugar uma nova reforma das alfândegas e da guarda fiscal, dizendo-se no respectivo relatório que a partir da remodelação geral que estes serviços tiveram pelos decretos



Quartel do posto fiscal da Boa Vista

perior do exercito. Por decreto de 9 de setembro de 1886, estando já perfeitamente radicado o pensamento de constituir militarmente a fiscalização externa, foi reformada, organisando-se o commando geral da guarda fiscal que foi commettido a um tenente coronel ou coronel que despachava directamente com o ministro da

militar sob differentes direcções e cada um com disciplina e instrução especiaes, e direitos e deveres não communs, o que não poucas vezes se traduz em rivalidades sempre inconvenientes e prejudiciaes ao serviço. Por este mesmo decreto foi extinto o commando geral da guarda fiscal, a qual ficou subordinada á

de 17 de setembro de 1885 reformas parciaes e successivas se effectuaram inspiradas em orientações diversas e por vezes contrarias e que então que a experiencia estava feita, conveniente era assentar em um corpo de doutrina que ao mesmo tempo precisasse e definisse o que cumpria fazer e harmonisasse e codificasse o que



Um trecho da linha da circumvallação (Pontinha)



Um posto de observação

fazenda, a quem a guarda estava subordinada em tempo de paz, podendo ser mobilizada em tempo de guerra, por decreto real. Ficando então subordinada exclusivamente ao ministerio da guerra. Compunha-se de 4 batalhões de commando de tenente coronel ou coronel a 4 companhias de infantaria, e uma secção de cavallaria, e mais 3 companhias de infantaria nas ilhas. Por decreto de 17 de novembro de 1887 foi creado o corpo de policia



Posto de despacho de Carriche

2.ª repartição da direcção geral das alfândegas que tinha por chefe um official superior do exercito e que despachava directamente com o director geral, que era ao tempo um coronel.

O decreto de 30 de dezembro de 1892, extinguindo a direcção geral das alfândegas e contribuições indirectas e creando a direcção superior dos serviços aduaneiros, commetten á 2.ª repartição d'esta direcção, que



Nas portas de Carriche

proveltoamente pudesse ficar das organizações anteriores.

Diz-se por essa occasião no seu relatório o sr. conselheiro Hintas Ribeiro, então ministro da fazenda, que era incontestavel que a reforma de 1885 havia exercido uma acção efficaz no melhoramento do regimen aduaneiro e fiscal, que a desorganização que lavrava nos serviços alfandegarios, dando margem a repetidos abu-



Portas e secretaria da 5.ª companhia em Algés



Posto fiscal de Bemfica



Secretaria da secção fiscal da Pontinha

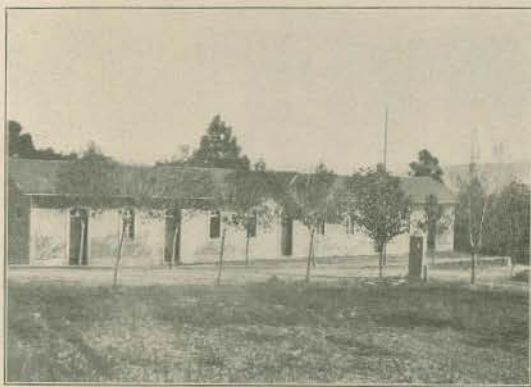
nos, que a indisciplina e o desconjunctamento da fiscalização externa e a falta de legislação encontraram na reforma de 1885 um correctivo que para logo determinou um movimento de reacção benéfico para o thesouro e para o prestigio das instituições fiscaes, pois que os rendimentos aduaneiros subiram logo de 10.180.540\$382 réis em 1883-84 a 19.741.855\$242 réis em 1887-88. Disse

4 batalhões, sendo o 1.º « constituído por 6 companhias de infantaria e os 3 restantes por 4 e 1 companhia de cavallaria cada um, e mais 4 companhias de infantaria nas ilhas. Foi restabelecida a administração geral das alfândegas, pertencendo a ao administrador geral, quando coronel ou general, o commando da guarda fiscal, e quando o não fosse recatilharia o commando no chefe da

quanto lhe era confiado, já pela disciplina do corpo affirmada por quantos o conheciam de perto e confirrada pela estatística criminal onde a guarda fiscal, não obstante ter ao serviço mais de 6.000 homens, figurava com uma percentagem insignificantisima. O corpo da guarda fiscal, devido ao meticoloso escrupulo do seu recrutamento, é indubitavelmente um corpo de selec-



Quartel do posto fiscal da Ponta da Ponta



Quartel do posto fiscal da Pontinha

mais sua ex.ª que não só a economia interna das alfândegas tinha ganho em consistencia e morigeração senão que, e sobretudo, a fiscalização externa passara por uma salutar evolução transformando-se os muito accumulados, mas quasi inaproveitaveis elementos de que se compunha em um corpo militar, homogeneo e disciplinado—a guarda fiscal.

Por esta reforma ficou a guarda fiscal composta de

2.ª repartição, que seria a um official superior do exercito.

E' incontestavel que a a guarda fiscal e os serviços assim organisados constituiriam uma instituição modelar tão exuberantemente manifestada já nos bellos serviços prestados ao paiz, concorrendo sempre de uma forma frisanse para o augmento dos redditos do thesouro, fiscalizando sempre com o mais escrupuloso cuidado tudo



Estrada da Pontinha

ção, que se impõe á admiração de todos, a ponto das autoridades administrativas, policiaes, camaraes, delegações maritimas, caminhos do ferro, atradores civis, todos, enfim, que encontram ensejo, pedem a sua coadjuvação para a execução dos seus regulamentos, tal tem sido a confiança que lhes inspira a intransigencia inconcussa com que a corporação cumpre os serviços que lhe são commettidos.



Quartel do posto fiscal dos Arneiros



Portas de Queluz



OS TERRAMOTOS EM ITALIA—S. M. o rei Victor Emmanuel III visitando as ruínas e escutando as supplicas da população em Martizan (Calabria)—(Segunda photographia)

A Italia está passando por um horrível trauço, sobretudo nas regiões da Sicília e Calabria onde alguns terremotos destruíram cidades inteiras, Catanzaro e Reggio ficaram quasi unquilladas; Messina soffreu multiss-

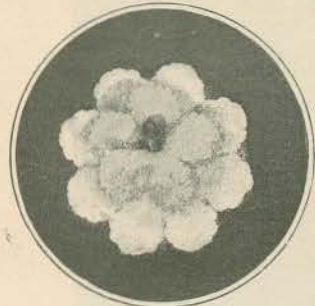
simos. Em Cosenza houve tres abalos de terra successivos e o Stromboli esteve muito tempo em actividade soltando formidaveis roncões que junto com a derrocada das casas produziam um grande terror. A columna de fogo

do vulcão viase a mais de 15 kilometros do distancia por toda a parte reinou durante muito tempo um enorme panico. Os ministros partiram para varios pontos a informarem se pessoalmente do estado das povoações

alcançadas pela catastrophe e o rei tambem se dirigiu para a Calabria, ajudando dia e noite a distribuir soccorros. Os povos acclamam-no e pedem pão e abrigo em grandes massas, como succedeu em Martizan onde os

prejuizos foram enormes. Por toda a Italia se estão fazendo subscrições, de varios pontos do estrangeiro se tem enviado quantias figurando á frente dos chefes de Estado que mandaram soccorros o imperador Guilher-

me e o presidente Loubet. S. M. a rainha senhora D. Maria Pia que se encontrava em Aix-les-Bains presidiu á festa de caridade cujo producto é destinado ás victimas e enviou ao rei de Italia um importante donativo.



OS PORTUGUEZES EM PARIS—A festa d'Argenteuil em que foi coroado o busto de Camões

Os excursionistas portugueses saindo da basílica d'Argenteuil—O cortejo saindo da gare levando à frente a fanfarrã d'Argenteuil indo no grupo do centro os srs. Maxime Forment, Xavier de Carvalho, Magalhães Lima, general Constantino de Brito, Madame Urban, mademoiselles Hermínia e Amélia de Souza—O escultor português Silva Gouveia, autor do busto de Camões, que foi coroado em Argenteuil—A coroa do busto de Camões—Diploma de socio da Sociedade dos Estados, trabalho do pintor português Arthur Frat—O distintivo dos portugueses em Argenteuil—A actriz do Ambigu, Mercedes Braso, que tomou parte na festa dos portugueses—Os excursionistas junto da Mairie d'Argenteuil ficando ao lado com o estandarte o chefe da fanfarrã d'Argenteuil e ao meio a direcção da 'Société des Etudes Portugaises'—No jardim do Cabaret Artistique d'Orgemont. Junto ao busto de Camões.—Photographies enviadas pelo redactor do 'Seculo' que acompanhou os excursionistas.

A Sociedade dos Estados Portuguezes realison uma grande festa em Argenteuil, á qual concorreram não só os membros da colonia residentes em Paris mas ainda grande numero de portuguezes que saíram de Lisboa n'um comboio especial. Em Argenteuil foram recebidos pelos directores da Sociedade e foram fazer as suas visitas ás autoridades locais, tendo o adjunto do maire,

mr. Mauri, sandado os nossos compatriotas. Visitaram de seguida a igreja onde está exposta uma tunica de Christo, viram os historicos moinhos d'Argenteuil e depois dirigiram-se para o logar do banquete, tendo sido lidos por Xavier de Carvalho, um dos correspondentes do 'Seculo' em Paris, telegrammas de felleitação de Casimir Perier, Mistral e Mascaraud. O dr. Magalhães de

Lima, presidente da sociedade, fez um discurso enaltecendo a França educadora e depois procedeu-se á eleição da rainha da festa, sendo aclamada mademoiselle Oliveira, que coroou o busto de Camões com mademoiselle J. Bouchet. O busto de Camões, obra do escultor português Silva Gouveia, residente em Paris, é uma bella obra que honra o illustre artista.



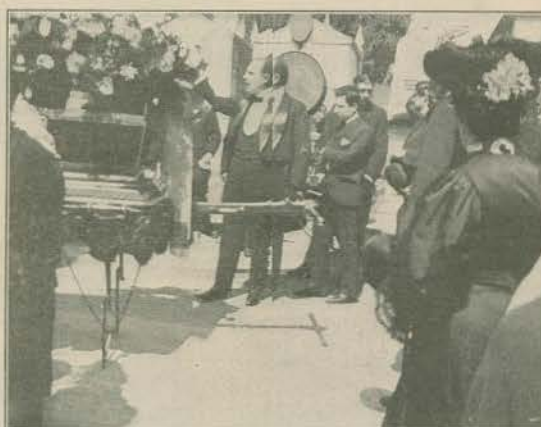
Um aspecto do cortejo



Outro aspecto



Junto do mausoléu



O sr. dr. Queiroz Ribeiro discursando



Depois da cerimonia religiosa



Os oradores srs. Cesar da Silva, Queiroz Ribeiro e Zuzarte de Mendonça



O sr. Cesar da Silva fazendo o seu discurso

A trasladação dos restos mortaes do escriptor Alfredo Serrano no cemiterio dos Prazeres em domingo 17 de setembro

O corpo do desditoso escriptor Alfredo Serrano foi trasladado para o mausoleu que a admiração e o piedoso culto dos seus amigos lhe erigiram no cemiterio dos Prazeres. Serrano foi um dos rapazes que mais soffreu na vida litteraria. Tive uma verdadeira incia; chegou a custa de esforços. Legitimista acorrido não transigiu nunca; cultor da arte em todas as suas formas por ella

se evidenciou, primeiro como poeta com esses livros de versos *Manhã Dourada* e *Horas de Sol* que tiveram com os applausos dos artistas a coconsagração popular. A' volta d' A ustria, onde estivera edducando os filhos de D. Miguel do Bragança, o poeta realisou conferencias sobre pintura que bastante concorreram para demonstrar o muito que lá por fóra aprendera. Foi n'uma d'essas jor-

nadas de trabalho, quando ia visitar mais museus, que encontrou a morte. Agora foi-lhe prestada essa homenagem que lhe era bem devida. Junto do mausoleu fallaram, em primeiro lugar, o illustre parlamentar e poeta insigne dr. Queiroz Ribeiro e os srs. Cesar da Silva e Zuzarte de Mendonça, amigos do finado, tendo acompanhado na cerimonia muitos homens de letras e artistas.

O Paço Real de Caxias

O paço de Caxias já hoje não serve para residência real, no entanto, encerra ainda algumas preciosidades com os restos do mobiliário e das pinturas dos tetos bem dignas de menção. No tempo de D. João V o infante D. Francisco, talvez farto do seu paço de Queluz ou-

teza, porque o palácio á data do seu fallecimento em 1742 ainda ficara por concluir.

Foi um filho de D. João V — o infante D. Pedro — depois D. Pedro III que mandou plantar a quinta e acabar as obras do paço que herdara de seu tio como representante da casa do infante, honra que um outro seu tio, o infante D. Antonio, lhe disputou com tola a acia mesmo diante das tribunas.

Mais tarde o infante sendo já rei ia por vezes passar as tardes em Caxias, passava na quinta entre esses ar-

zil, as infantas D. Maria d'Assumpção e D. Isabel Maria por ali iam de passeio. Desde 1826 até 1832 o velho paço esteve abandonado até que D. Miguel, quando rei, para lá foi a passar o verão.

Foi na estrada de Caxias que as mulas da sua sege se desenfrenaram e o rei quebrou uma perna. Com a convenção de Evoramonte o paço ficou de novo sem habitantes durante um tempo, até que a esposa de D. Pedro IV d'elle fez residência de verão com sua filha a princesa Amélia da qual inda hoje ali existe um retrato.



Um aspecto do paço

do reunia os companheiros das suas proezas — a nobreza mais pura — em festas de espanto que ás vezes degeneravam em bacchanas, mandou edificar o paço de Caxias. Em Queluz conservou-se até muitos annos depois da morte do infante a lenda de que a sua alma andava penando pelas salas do paço; em Caxias jámais se falou das proezas tanto em vida como *post mortem* de Sua Al-

tuades de buxo de fidalgo corte com sua mulher Maria I e conta-se que por vezes desciam até á praia onde entretinham conversas com os pescadores que encaihavam os barcos na areia junto a um fortim hoje quasi abandonado.

D. João VI e Carlota Joaquina também acompanhavam os seus reaes parentes e mais tarde, á volta do Bra-

zil, quando foi da morte de D. Pedro V e dos infantes D. Fernando e D. João o povo amotinado inculpará da morte d'esta sempre chorados principaes personagens da corte e então acoorrendo em massa ao largo das Necessidades, onde a guarda municipal o buscava conter, pediu ao novo rei o senhor D. Luiz que mudasse de residência.



Antiga sala dos jantares de gala



Quarto da imperatriz



Antigas cocheiras e casas dos criados

Ajoelhara gente no largo em frente do palácio e subiam as vozes acusadoras da multidão dizendo que ali se albergavam os que queriam mal à família real. D.

N'essa mesma noite a família real transferiu a sua residência para o paço de Caxias enquanto o corpo do infante D. João era transportado n'essa noite chuvosa

personagens que passavam na quinta e costumavam quasi sempre deter-se na cascata magnífica que n'ella se eleva.



Um aspecto do jardim



Retrato da princeza Amelia, filha da imperatriz, existente no paço



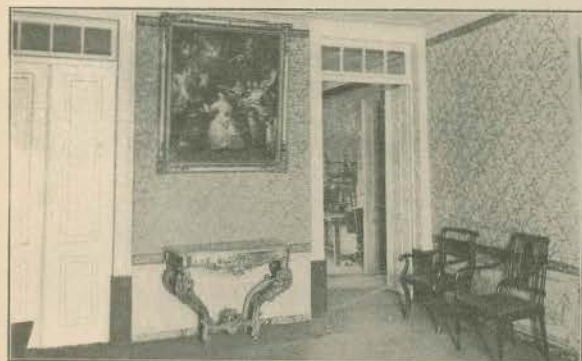
A cascata

Fernando, o pai dos reaes mortos e do rei que ia ser aclamado, falou ao povo, porque D. Luiz com a voz embargada de soluços se retirara da janella chorando.

de dezembro, por dentro da quinta real de Belem para o Mosteiro dos Jeronymos.

Durante algum tempo ficaram em Caxias os regios

Essa cascata é d'um lindo effeito com as suas pedras concavas e de maravilhosos recortes que tem no alto um pavilhão d'onde se avista o mar.



Sala de visitas



Outro aspecto do jardim

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLI-BRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

Nadia reconheceu então que tinha confiado em de mais nos seus nervos, esperando dominar-se.

Remunhando a dissimular a sua perturbação, foi com voz sacudida, ofegante, com gestos febris, involuntários, de rosto contrahido, cheio de uma animação quasi intratável, que fazia realçar o seu genero de belleza um tanto selvagem, que ella respondeu:

— Venho só por mim...

— Sou mulher, como sabeis, e a minha fraqueza explica o passo que don junto de vós...

— As vossas palavras perturbaram-me profundamente... Tudo o que vos cerca, tudo quanto emana de vós é estranho, inaudito... Estou desconcertada, deslumbrada, como atacada de vertigem.

— A morte! Tenho-a affrontado tantas vezes que não a temo. Chamavamos por ella ha pouco, quando nos conduziрам para vós. Pronvera a Deus que ella tivesse vindo! Porque razão essa morte, com que nos ameaçamos, me perturba agora?

— A minha alma fluctua, perdida, entre o horror e a atracção... Já não sei!... Trahir os meus amigos, a Europa, não, isso nunca! Todavia, admiro e tremo!... Impelle-me uma força desconhecida... Venho ter convosco tanto para me livrar da vertigem como para salvar os meus amigos... O que eu desejava era que se abrisse a terra e me engulisse!

E a figura tragica de Nadia exprime o tormento da sua alma, enquanto os dedos se lhe estorciam em volta do collo anhelante.

Mas, ao passo que ella falava, o rosto de Timour se abria, e adoeava-se a rigidez propositada das suas feições. Por muito enervada que estivesse, essa attitudão não escapou a Nadia. O instincto da mulher, n'essa crise em que o seu sexo fortalecia pela propria fraqueza o seu poder seductor, sentia que a lucta devia acabar, e que, depois de a haver travado com tal violencia, não ficaria vencedora senão declarando-se vencida.

O esforço do sacrificio fatal foi tão cruel n'esse momento que um rio de lagrimas ardentes jorrou dos olhos de Nadia, e, como as suas ultimas palavras pareciam implorar do céo, as pernas vacillaram-lhe e ella cahiu muito ajoelhada, com a cabeça entre as mãos.

Timour fez um movimento, mas, com o corpo inclinado para deante, não disse nada e esperou. E Nadia, em quem este silencio arriava o sentimento muito util da situação, murmurava, como que exgotada de forças:

— Porque resistirei? Não tenho nada atrás de mim... nem amigos nem patria...

E erguendo-se de todo:

— E depois, corre-me tambem nas veias sangue asiatico!...

Timour ergueu-se de golpe.

— Sangue asiatico? ... disse elle.

— Sim, meu avô era official turkmeno...

N'um salto rapido, junto de Nadia, tinha-lhe pegado nas mãos e afastava-as com força, mas sem violencia brutal.

— Sois sincera, mulher? ... Sois bella, e o meu coração pulso por vós outr'ora! ... acaso o não tinheis comprehendido? ... Quanto a mim, não o esqueci!

— Em vós revejo toda a minha mocidade! ... Tiveistes antepassados asiaticos e sois polaca! ... Como se chamava vosso avô, o turkmeno?

— Era coronel ao serviço da Russia e chamava-se Rachmed.

— Rachmed, que commandava em Samarkande, e que foi morto na batalha de Ancyra contra os turcos? ...

— Sim.

— N'esse caso sois bem da minha raça e do sangue de Timour!

— Rachmed era irmão de minha mãe.

E a voz de Timour crescia triumphante:

— Não lucteis mais contra nós e contra vós mesma, Nadia. O destino vos guiava! ... Mas não tinheis adivinhado que me encontraríeis amando-vos ainda ... não tendo nunca deixado de vos amar?

Um ralo que cahisse aos pés de Nadia não a teria aterrado mais do que estas expressões de Timour: «Rachmed era irmão de minha mãe».

Sem perceber bem as ultimas palavras de Timour, esperava-se, porque, tendo adivinhado esse sentimento secreto do «Senhor, desde a recepção antecedente, havia posto n'elle a derradeira esperanza de salvar os seus amigos, tentando um passo que dava azo a pensar que ella talvez um dia pudesse corresponder a esse sentimento.

Mas o que a confundia, o que ella não tinha podido prever, o que a deixava sem defesa e sem voz, era esse brusco reconhecimento de um parentesco tão proximo, de um laço de sangue e de raça tão incontestavel e tão imprevisto.

Eis a razão por que ella se tinha sentido, na verdade, mais cheia de admiração que de temor ou de horror perante os espectaculos inconcebíveis a que tinha assistido, ha pouco.

D'ahi a idéa d'esse passo temorario, quasi insensato! Porém, Timour continuava:

— Tu és da minha raça! ... e eu te amo, Nadia!

«Sê a minha companheira na minha missão divina. Como o sol brilha, sobre o mundo, a tua belleza irradiará sobre a minha obra luminosa e fatal.

«Resistirá debaixo, porque a sorte te arrasta na minha gloria certa, e porque tu crês em mim.

«Mais do que os laços do sangue, mais do que a origem commum, afinidades de natureza e de espirito nos destinavam um para o outro, pois que nem o tempo nem o espaço puderam reduzir os efeitos do teu encanto sobre o meu coração ... porque tu vinhas para mim ainda agora por ti mesma, por instincto, como o ferro vae para o imã, como a vaga para a praia.

«Amo-te, e tu me has de amar, pois comprehendes a minha situação! ... porque a minha grandeza não despetou em ti odio ... e porque, não obstante as prevenções adquiridas, separavas-te dos teus amigos para obedecer ao mysterioso poder que me anima e nos unirá.

«A minha voz encontra nos recessos mais escondidos de ti mesma o seu melhor eco: sinto-o ... vejo-o.

Mas, de subito, Nadia cahiu.

Tinha perdido os sentidos.

Timour, surpreendido, ergueu-se e transportou-a para cima dos coxins esparcos, onde a deitou.

Uma gravata apertada cingia o pescoço de Nadia, e Timour com o seu punhal cortou-a brandamente, não querendo desatá-la. Em breve uma ligeira cor de rosa reentrou nas feições de Nadia.

Ella abriu os olhos, enquanto Timour, agachado, e

meio ajoelhado deante d'ella, lhe estreitava uma das mãos nas suas, dizendo:

— Socorrei, Nadia! Timour, o senhor do mundo, vos ama e vos respeita. Socorrei a rainha da Asia.

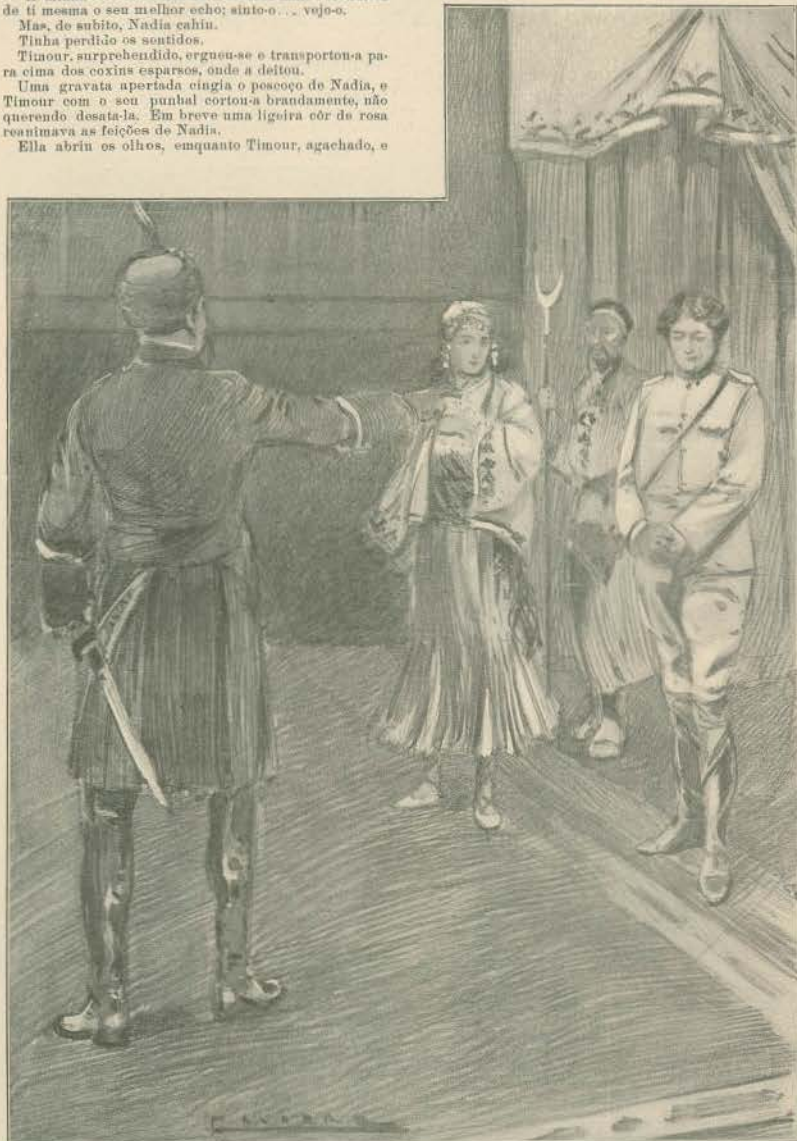
«Abençoai Buddha, que vos conduziu para mim, e juro-vos por elle que não vos será feita nenhuma violencia ...

«Sê por vossa vontade vos quero ter.

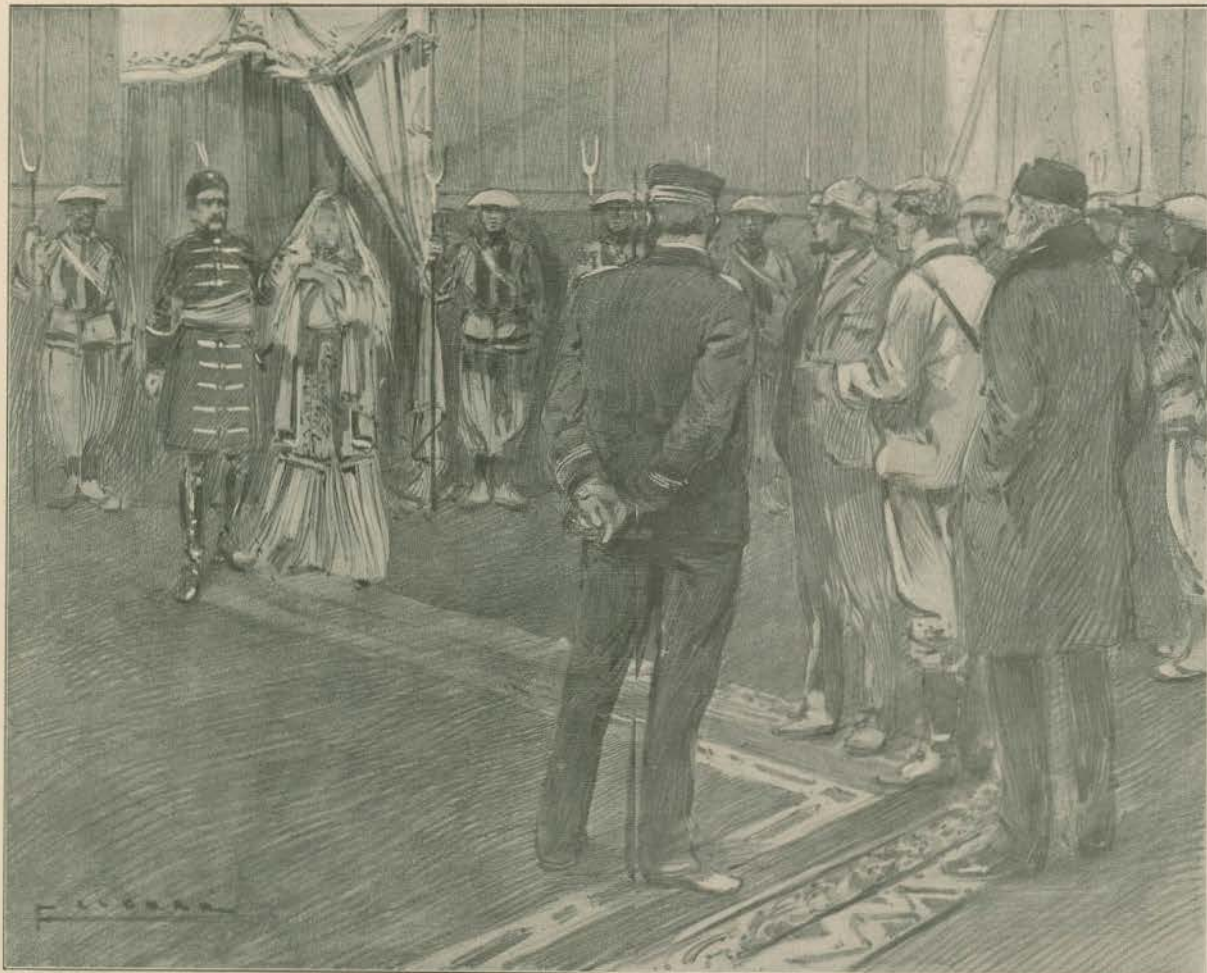
Nadia levantava-se ainda mal restabelecida do seu desmaio; mas começava a vêr melhor a sua situação.

Examinou demoradamente Timour a seus pés, sem interromper as suas promessas e a enumeração dos seus desígnios.

«E, pouco a pouco, ia voltando toda a lucidez do seu juizo.



APENAS TERNAS VOLTADO A SER MULHER, NADIA, VIREIS PARA JUNTO DE MIM



MAS TIMOUR NÃO ESTAVA, SÓ

— Ama-me realmente, dizia ella de si para consigo: não é uma sympathia passageira que elle tem por mim... nem ainda um capricho imperioso que o curva d'esta maneira! Alcansei, pois, mais do que ouzaria esperar. E' necessario ir até o fim. Sinto-o e devo representar o meu papel sacrificando-me para salvar os meus amigos!

E a donzella não retirou a sua mão d'entre as de Timour.

Um sorriso enigmatico illuminava de quando em quando a melancolia das suas feições.

— Pois bem, seja assim! disse ella para responder em fim ás inquirições instantes, que não podia protrahir mais, reconheço que uma fatalidade me impelle... tudo confirma o que vós proclamastes... e, além d'isso, como poderei subtrahir-me ao vosso poder, visto que estamos nas vossas mãos? Demais, admiro immenso a magnitude dos vossos desiquios, para estar possuida de sentimentos hostis... Mas, se quereis que eu esteja bem certa do papel que vós me reservaes, se me associaes realmente ao vosso imperio, posso desde já fazer uso d'esse novo poder?

— Falae! Timour nada vos pode recusar.

— Ligando-me á vossa causa, traio a confiança dos meus amigos; desamparo a Europa... Elles poderão pensar que eu os desamparo tambem! E' provavel que já não sintam por mim senão odio e desprezo, mas não quero que elles morram! Concedeis-me a sua vida por preço do meu abandono?

— Se elles devem odiar-te, Nadia, que te importa a sua vida?

— Quero vel-os vivos!

— Hão de seguir-nos á força, e se ligarão a nós...

— Nunca. Nada os levará a auxiliar a vossa empreza contra a Europa.

— N'esse caso morrerão!

— E' isso o que eu não quero. Preciso da sua vida.

Não acabastes de dizer que naõda tinheis que recusar-me?

— Não tenho nenhuma razão o pessoal para te recusar esse favor, Nadia, e desejava fazzer-te-o, mas posso? Está em meu poder livrar-os da fúria dos lamaz?

— Que dizeis! Sois o «Senhor» e os lamaz fazem-vos tremer?

— Não posso admittil-o, e, se os meus amigos morrerem, eu morreréi, porque não deoesejo ser salpicada pelo seu sangue.

— Pois sim! retorquiu Timour, os lamaz tem ainda cabeças a dar-me...

— E, depois, tu tens razão, é mister que os europeus assistam ao meu triumpho... e é ao teu. Eu talvez conquencia Mérande...

— O que quereis dizer?

— Mas Timour parecia não querer ouvir mais explicações. Batem n'um gong, sem responder a esta ultima pergunta, dizendo sómente:

— O tempo urge!... Vae tirarar esse traje de homem para retomares o do teu sexo...

— Apareceu um servo, ao qual d o mongol disse algumas palavras; depois repetiu a sua ordem á donzella:

— Vae! Segue este escravo e mandando onde elle te levar. Tudo o que é de Timour te pertence.

— Serás obedecida como eu proprio o sou.

No momento em que acabava a de proferir e-sas palavras, levantou-se o reposteiro e pela segunda vez, deixando ver uma donzella ricamente vestida á moda tartana. Os seus cabellos negros, e sahindo de um tepe ⁽¹⁾ d'ouro, cahiam em amplas madeixas sobre as suas espaldas, e desciam até abaixo dos seus quadris. A sua belleza era tão perfeita, tão deslumbrante, como a cor maravilhosa do seu rosto.

(1) Tepe, barrete achatado.

— Kanyadjé, disse Timour a essa appareição subita, approxima-te, minha filha. Servirá esta mulher, Nadia, como tua mãe. E' tua prima. Amar-vos-heis, pois que vos amo e vós amaes-me.

— Vae vestir Nadia com o traje mais rico.

Kanyadjé olhava com surpresa para seu pae e Nadia, que não ponde deixar de sorrir-se para essa encantadora figura juvenil, flôr ideal singularmente desabrochada no meio d'esse acampamento guerreiro.

— Mas de subito uma derradeira observação de Timour congelou essa ternura:

— Apenas tehas voltado a ser mulher, Nadia, vireis para junto de mim.

— Desejo que vós mesma annuncieis a Mérande e aos outros prisioneiros que a sua vida está salva!

— En! exclamou a donzella. E' impossivel!

— Ede e apegae-vos.

— Oh! não! não! Ponha-me a essa vergonha... Não posso tornar a apparecer deante d'elles!... sobretrinda para em propria lhez annunciar o que elles vão considerar como uma traição!

— Nadia, não fazendo causa commum commigo e que sereis traidora: sê o heis á vossa raça, aos vossos antepassados. Quero que elles saibam quem vós sois, d'onde vindeis, e que vos devem a existencia. Tal é a minha vontade.

Posto que esta ultima affirmacão fosse expressa em tom imperativo formal, absolutamente sem replica, Nadia fez um novo gesto de protesto.

Ainda quizera supplicar, mas Timour batera pela segunda vez no gong, entravam já officiaes na sala... Seguiu, pois, Kanyadjé, que a levava.



A escuna hespanhela *Carmen Huciva*, que fazia o transporte de madeiras entre Portugal e Hespanha, quando fundada em Alcácer do Sal e que naufragou em 12 de setembro em virtude de choque com outra embarcação, tendo perecido alguns dos seus tripulantes

(Fot. do sr. Thiago Silva, d'Alcácer do Sal gentilmente enviada á «Illustração Portuguesa»)



Sr. dr. Joaquim Pedro Martins

Leite da Universidade de Coimbra e illustre deputado da nação que se colligou ao lado dos membros dividentes da commissão de fazenda e fez a sua estreia parlamentar com um magistral discurso em que verteu o procedimento do governo na questão dos tabacos na sessão de 8 de setembro.

CHRONICA FLEGANTE

Nos centros mais aristocraticos e elegantes reina agora a época da grande *rie de châteaux* com todas as suas etiquetas e mundanismo dos mais requintados. As phantasias luxuosas estendem-se a tudo, desde a *toilette* feminina e masculina até as installações dos cavallos de raça e dos automoveis mais aperfeiçoados. A ornamentação da mesa é um dos campos em que se tem apresentado mais caprichosas invenções.

N'um jantar offerecido por uma das mais aristocraticas parisienses, a meza era toda prateada, começando pela baixella, que era de subido valor artistico. A toalha estava coberta com um finissimo tullo semeado de grandes *pastilhas* de prata; nos intervallos livres ostentavam-se ramos da alva e setinosa planta *monnaies da Pape* e corriam grinaldas de conchas nacaradas. O centro de meza baixo era uma grande *corbelle* de filigrana de prata ornamentada com conchas e ramos de *monnaies da Pape*.

As garrafas e copos de fino crystal eram meio encastreados em filigrana de prata. Os riquissimos candilabros de luz electrica e toda a illuminação da meza era em tulipas interiormente prateadas. Finalmente, era uma orgia de prata do mais surpreendente effeito.

Outras descripções lemos de menos folla resultado, uma azulada com um lago e peixes vivos, outra toda de girasões que tambem não devia primar senão pela excentricidade.

E' curioso observar que, havendo um tal requinte, luxo e sumptuosidade em todos os elementos da vida mundana, as *toilettes* de rua são, pelo menos na apparencia, da maior simplicidade.

Os *vestidos*, forros, guarnições, são finissimos, mas sem nada de *riciard* nem que attrala as vistas. O outomno verá apparecer os tocidos *mélange* sobretudo os escoceses, mas de cores muito attenuadas e que a certa distancia se fundem n'um tom neutro, acastanhado, cinzento, ou *fumée*, cor de fumo, que será predilecta na proxima estação.

Apparecem uns chapéus de bordos muito revirados em feltro d'essa cor, tendo por unica guarnição um *pouff* de plumas ao lado esquerdo, que acompanharão as *toilettes tailleur* e do passeio.

Parece que com as modas de inverno desaparecerão os actuaes chapéus Wattean, Luiz XV, Luiz XVI e resurgirão as grandes *capelines* com véus de gaze envolvendo a cabeça toda.

Ainda se fala de um modelo sensacional lembrando o chapéu de coco masculino, com copa alta muito redonda. Usar-se-ão muitas plumas, mas parece que a moda é serem desfrizadas.

FIG. 1—Costume *tailleur* em tecido *mélange*, ornado de panno lizo, galões e botões dourados.

FIG. 2—*Toilette* de jantar em *monnaies* de seda *plis sée*, entremeios e rendas d'Alençon.



FIG. 1



FIG. 2



BOA OCCASIÃO

Na quadra que atravessamos alguns dias do congresso do **DELFIM**, reunindo como o melhor, tendo a vantagem de refrescar a água, o leite ou o chá, as casas de família, cafés, restaurantes, hospitais e outros estabelecimentos. Única casa que os vende deste sistema, Rua 8. Nicolau, 39 e 40, onde se encontra um variado sortido em vidro nacional e estrangeiro, vidro em caixa e corado por medida, e correção do seu estabelecimento em Lisboa e fora. Pedidos a Alfredo José d'Almeida.

Elixir, Pó e Pastas Dentíficas dos Benedictinos de Soulac — Produtos de primeira qualidade.

A venda nas principais drogas e casas de perfumarias.

Deposito geral: **AA. Vincent, largo de Camões, 19, 1.º**

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

O PIPERINOL

Para dar cor e brilho igual ao encerado em móveis e soalhos. Imitação pau a santo, no queira, mogno e varias madeiras. Este preparado não tem agua-rar nem cheiro alheio.

Aplicação facil e rapida

Deposito unico: **Rua Buenos Ayres, 35**

GIL DIAS ASSUMPCÃO.

Novo processo de andar

VESTIDO

Com 500 réis por semana

Toda a gente pode andar elegante e economicamente vestida. A Companhia Commercial de Responsabilidade Limitada

LEÃO VERDE

242, Rua do Ouro, 242

Fas. faldas, jupes, vestidos e confecções e prestações sem-nos de

500 réis

Para o que tem atelier de aluguer sob a direção de um habil COOPER parisiense.

Grande e escolhido sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras

Fatos desde 7\$500 até 40\$000 réis

242, Rua do Ouro, 242



Não se autoriza a publicação d'este annuncio em outro jornal

ARMANDO CRESPO CYCLES VICTORY

Preços sem e competencia

412, RUA DO CRUÇIFIXO, 414

Enviam de gratis catalogos illustrados a quem os requisitar.

Encadernações e Typographia

VEROJL & C.º

Procuram sempre a casa que tem um militar a porta

134, Rua Augusta, 136

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Servico combinado com a Companhia de Exploração dos Caminhos de Ferro de Madrid a Caceres e a Portugal e do Oeste de Hespanha.

Annulacao da tarifa especial M. L. n.º 2 de pequena velocidade para transporte de vinho em caixas ou fardos.

AVISOS ADO PUBLICO

Por accordo entre as linhas combinadas, fica annullada, desde 20 de outubro de 1905, a tarifa especial M. L. n.º 2 de pequena velocidade, em vigor desde 1 de setembro de 1904, para transporte de vinho em caixas ou fardos, das estações da linha de Ma-

drid-Caceres-Portugal para a de Lisboa, (Cass dos Soldados) — Lisboa 15 de Setembro de 1905.

Desde o dia 1 de outubro de 1905 será posta em vigor a Tarifa especial P. n.º 9 de pequena velocidade, combinada com os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, para transporte de mercadorias diversas por expedições do peso minimo de 500 kilogrammas ou pagando como tal — reforma, com ampliação de novas estações de Sul e Sueste, da tarifa do mesmo numero e serie, que vigorou desde 15 de janeiro do corrente anno. Para mais esclarecimentos podem os interessados consultar a tarifa em estudo por compra nas estações d'esta Companhia — Lisboa, 14 de Setembro de 1905.

Pelo director Geral da Companhia, o engenheiro sub-director, Augustus Luciano S. de Carvalho.

Mosaicos hydraulicos e ceramicos de Travessa do Corpo Santo, 21 - Lisboa.

Asulejos em telhas, de esmalte e em estylo arabes proprios para decorações architectonicas. Catalogos sob requisição.

GOARMON & C.º

Pelo director Geral da Companhia, o engenheiro sub-director, Augustus Luciano S. de Carvalho.

Hayateria RIGOR NA MODA

Dr. J. Gomes de Carvalho Calçada do Sacramento, 7, sobre-loja, ao Chiado

Por talão do consultorio de 22.ª 37.ª, dr. Pires Justus — Completo sortimento de lençóis, toalhas e estameiras — Confecções de luxo para homens — Corte por Agencias Inglesas — Boa execução a preços convenientes — LISBOA.

Tinta Esmaltada Rontland

EM TODAS AS CORES

Esta tinta não estala e conserva sempre o brilho.

Vende-se em Lisboa:

Na drogaria Peninsular, rua Augusta, 39 e 41. — J. Netto Varela, rua da Boça, 241. — Marques & Carua, rua da Prata, 188.

E no Porto:

Em casa de Seraphim José de Moraes, 64, rua de Celofeita.

O catalogo das cores é enviado gratuitamente a quem o pedir.

Depositaro geral: **A. Vincent**

19, Largo do Camões, 1.º Lisboa.

BILHARES

TABELLAS PNEUMATICAS

PRIETO

DUPLA ELASTICIDADE

Rua de S. José, 171, 173

Capas em percalina vermelha

ILLUSTRADAS ARTISTICAMENTE

A OURO E CORES

Para a encadernação do terceiro volume da

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

A 700 RÉIS

Cada capa é acompanhada do respectivo indice, que abrange os numeros 53 a 86.

Os assinantes das terras em que não houverem boas officinas, podem obter a encadernação de ouro da bella revista, pela quantia de 12000 réis, em duas entregas de 6000 réis.

Capa..... 700 réis
Encadernação..... 300 réis
Porta..... 250 réis

Total..... 12500 réis

Para mais detalhes enviar os respectivos exemplares a **EMPRESA DO SEculo** — Lisboa ou em a acondicionamento, remetendo a quantia referida em vales do correio ou carta registada.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



EMPRESA DO SEculo JORNAL O SEculo

DESENHO DA CAPA

Antiga casa José Alexandre
Casa fundada em 1822
CHIADO, 8, 10 E 12
Talhães de verdadeiros, escultores e alfaiates de primeira qualidade.

